



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRISS-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

22 de Julho de 2006 • Ano LXIII • N.º 1627
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 • Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Setúbal

Vivemos em Família

O nosso Conselho Pedagógico-Social foi instituído no dia 4 de Julho. Na presença do nosso Bispo, das individualidades dos Organismos oficiais implicados, dos membros do Conselho, de amigos e dos nossos rapazes.

Falámos da nossa Casa e da nossa vida.

Esta Casa do Gaiato completou, no início deste mês de Julho, 51 anos de existência. Foram 51 anos vividos com intensidade pelos padres e senhoras que aqui deram e continuam a dar a sua vida, e pelos rapazes que conosco vivem, se preparam e constroem em ordem ao seu futuro.

A vida numa Casa do Gaiato, pela fome de justiça que consome quem nela se dá, e pela fome de pão, carinho e esperança de quem nela se vem abrigar, torna-a um lugar sagrado onde a vida se comunica, em que todos dão e todos recebem, um «santuário de

almas», no dizer de Pai Américo, onde a vida se projecta em horizontes de infinito, no quadro temporal que a todos sujeita.

Dar o pão, levar à escola e acompanhar a sua evolução, incentivar ao desenvolvimento das qualidades artísticas na música, dança e desportivas, fazer a ponte com o Criador e Senhor da Vida, que transforma os limites e fraquezas pessoais em trampolins para uma maior maturidade humana, dar a família, sempre presente e actuante em todas as horas do dia, dar o repouso, o descanso físico, mental e espiritual, em cada dia e de forma mais revigorante nas férias e em outros momentos do ano, com praia, o sol, a natureza, a reflexão serena e confiante na vida pessoal e comunitária, pôr à disposição o engenho e as potencialidades do conhecimento humano no agir laboral, recreativo e no desenvolvimento das faculdades humanas, são tarefas de cada dia que nos compe-

tem a todos na Casa, dirigidas ao serviço do Rapaz e por causa dele, porque somos «Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes».

Cultivamos uma vida simples que não simplista. As crianças, pela sua própria natureza, são afeitas à simplicidade. O seu encanto e graça vem-lhes deste dom natural que possuem. É este o ambiente que melhor se lhes adequa e favorece.

O contacto com a natureza, com a vida a desabrochar e em transformação, está precisamente na linha da própria experiência vital que a criança experimenta em si mesma e que lhe vai dando oportunidade de integrar pacificamente o seu presente, de curar as maleitas do passado e, com a nossa ajuda e se necessário de técnicos especializados, projectar o seu eu num futuro bem integrado.

O nosso viver assenta antes de tudo na generosidade de quem se dá e de quem dá do que é seu. É este o caminho da multiplicação de vida, o caminho mais eficaz e proveitoso para o indivíduo e para a sociedade. O nosso negócio não é de números, antes de uma actividade com mira apontada na digni-

Continua na página 3

Tribuna de Coimbra

Encheu Portugal no século XX

PADRE Américo morreu há cinquenta anos. Foi a 16 de Julho de 1956. Este nome, a sua história pessoal e acção evangélica, inseparáveis, encheram o Portugal do século XX de espanto e admiração. Depois dele, a sua Obra. Também nós, cristãos, beneficiámos do seu testemunho. O seu testemunho ultrapassou as fronteiras da Obra da Rua, convertendo-se em património espiritual da própria Igreja, com desafios à criatividade evangélica. As vocações de consagração especial não deixam de encontrar nele um referencial significativo. De entre todas, a vocação sacerdotal. O Padre Américo era um Homem do altar de Cristo Sacerdote. Nele encontrava todo o sentido das coisas que fazia e dos passos que dava. Para o altar levava o coração ferido pelos males alheios a que tinha afeição o seu coração no caminho dos Pobres; do altar lhe nascia o fogo divino da caridade que o impelia sempre e sempre mais a ler na vida dos Pobres a própria vida de Jesus; vida escondida em Nazaré, vida pública na Palestina, testemunho consumado no calvário. O Evangelho era o seu único livro, que incensava com o odor dos Baredos e da mansarda, porque neles se imolava, escondido, o Filho Único de Deus. Homem da Eucaristia, memorial do sacrifício de Cristo pela redenção do Homem todo, corpo e alma. Por isso, nela se celebrava sempre a acção do partir do Pão Divino com a incumbência de partilhar o pão do corpo, pois que comungar um, sem sentir o compromisso da partilha do outro, não vale...

Padre Américo, modelo de sacerdote e pastores «Pela alma sangrem os padres da rua até ao fim...» A Alma: O homem vivo, o homem todo, a pessoa toda. Leitura que brota do Evangelho como a fonte da nascente.

No cinquentenário da sua morte vamos por aí fora até junto do seu túmulo, campa rasa na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, beijando o chão do altar. Rasteira, tal como a sua vida mortal: a junção admirável do único e mesmo misterioso de Morte e Vida de que a Eucaristia é memorial. Iremos como peregrinos do mistério que encheu de sentido a sua vida: Jesus Cristo e Jesus Cristo Crucificado, deixando-nos embeber do mesmo espírito que ali atrai o povo anónimo, cristão, que já o beatificou no altar do seu coração, reconhecido pelas maravilhas que Deus realizou ao longo destas décadas em que a Obra da Rua tem continuado o seu testemunho.

Não se entenderá bem a acção da Obra da Rua sem estar disposto a penetrar, humildemente, no mistério que está na sua origem. Por isso, os seus resultados escaparam sempre à métrica das técnicas pedagógicas; pressupondo-as, ultrapassando-as: «É preciso pôr Deus no Seu lugar...» — dizia sabiamente o Padre Américo e, em matéria de educação, para nós, isso é um património inquestionável; o verdadeiro alicerce.

Padre João

Cinquentenário da morte de Pai Américo

N ESTES dias, cinquenta anos após a morte de Padre Américo, é bom lembrarmos-nos da sua figura cristã, não que isso O honre — acreditamos que ele está com Deus e não pode haver glória maior nem mais extensa do que esta — mas porque precisamos de pôr, mais uma vez, diante dos olhos do nosso coração a garra e a pureza com que ele viveu esta fé que nos ilumina e O arrebatou.

Este Homem não se ficou nas meias tintas, muito menos com superficialidade ou jogadas de vida mais ou menos. Não oscilou entre viver segundo as conveniências do mundo, a vida eclesial do seu tempo e a rotina clerical. A sua vida foi um sim radical e contínuo a Deus, desde a hora em que sentiu a Sua chamada.

Logo no diaconado para se obrigar a uma vida semelhante à de Jesus de Nazaré e ainda com alguma imaturidade, fez voto de pobreza. Quis ser pobre por devoção e deixou esta regra aos seus continuadores. «A nossa pobreza é a nossa riqueza».

Predilecção pelos mais pobres e sofredores como instrumentos de evangelização — os ricos também precisam de se salvar, pois, como todos, são chamados à Eternidade. Há que lhes pregar os Pobres. Com eles a Justiça *obrigando-os*, assim, a repartir os seus bens, fazer comunhão com os outros e entrar pela «porta estreita».

Com o Estado foi exigente. Nunca se apresentou como tarefeiro daquele, dependendo dele com acordos nem se lhe submeteu em nada. Se batia às portas dos ministérios a pedir para os Pobres, fazia-o mais como quem exige por Justiça, do que quem solicitava para ficar a dever favores de qualquer espécie, muito menos sujeição política. Nunca se afastou do lugar de *enviado divino* consciente que o seu chamamento era fazer Justiça.

«Deus não faz a aceção de pessoas». Quem ama a Verdade e pratica a Justiça é aceite por Ele.

Compromisso vivo e actualizado constantemente cada vez com mais vivacidade.

Deixou claro que cada freguesia deve cuidar os seus Pobres. Disse-o por sentir que cada paró-

quia precisava de se tornar uma Comunidade viva, comprometida no apostolado, na promoção da Justiça real e utilizando os Pobres e os mais fracos como argumento motivador de fazer comunicar os bens entre todos e de exigir com Autoridade real a partilha dos dinheiros aqueles que detêm o poder político e controlam o económico.

Mesmo a fazer o bem e a exigí-lo apresentou-se sempre de cabeça levantada porque pobre.

As Casas do Gaiato — como casas de família — são um modelo de ambiente de qualidade, de nível elevado e nunca ultrapassável porque correspondem, de raiz, a um dos primeiros direitos da criança, do jovem do adulto: — ter uma família.

O Padre Américo, tornou-se, fez-se Pai naturalmente por correspondência à pureza da sua fé. Um Pai vive para os seus filhos — não para si.

A fé não precisa de inventar nada, exige, sim, que se viva.

Transformou-se num grande educador de princípios novos e inovadores que poderão ser aperfeiçoados, mas nunca ultrapassa-

dos pelo facto de viver como um Pai de família que ama vivamente os seus filhos e deseja para eles o melhor: — Vir a sentar-se com eles à mesa no Reino de Deus — fazer deles Homens com capacidade de receberem esta graça — a maior de todas.

Agora, por Lisboa, querem inventar semelhança de famílias para crianças privadas delas com técnicos e mais não sei quê. A família só se faz com amor e estrutura-se pela doação total.

Então as Casas do Gaiato não o foram desde sempre? Porque

não se lhes reconhece esta índole e as perseguem tanto?

O Padre Américo é um educador social e apostólico. Estão aí os seus pensamentos e os seus escritos e, sobretudo, as suas Obras.

O Património dos Pobres — iniciativa nacional tendo como suporte jurídico a paróquia, promovendo a construção, o renovoamento e a actualização de moradias para famílias incapazes de as construir, ampliarem ou modernizarem.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PAI AMÉRICO — Em face do cinquentenário da passagem de Pai Américo para o Céu, não poderíamos deixar de lembrar pequena nota, uma saudação aos anos em que nos deu a sua paternidade, o seu coração, a sua Força de Santo no amor a todos nós.

É de lembrar, para além de Paço de Sousa, a presença do nosso Lar do Porto... As visitas ao Barredo... O lançamento do Património dos Pobres. A sua ida a África. Aqui, levava o entusiasmo das moradias que levantava aos Pobres. E todos os entusiasmos junto das paróquias, e cristãos, que os serviam, pela mensagem que transmitia, em todo o lado com amor aos mais necessitados. E porque não, aos mais ricos... Curiosamente, vale a pena lembrar, também, por onde passávamos, os Pobres sem eira nem beira que visitávamos com o amor que saía do seu coração sacerdotal.

PARTILHA — Cem euros, do assinante 71812, de Lisboa: «Este donativo é para aplicar como desejarem em benefício dos vossos Pobres».

Um cheque, 200 euros, da assinante 28708, de Coimbra, onde Pai Américo serviu «os mais carenciados e caso

sobrem alguns dinheiros, para a conta da farmácia». Esta anda sempre entre os trezentos e os quatrocentos euros mensais.

Uma presença habitual, do assinante 9790, de Perosinho; para além de outras indicações, pede «uma oração pelas suas intenções particulares».

Temos, agora, mais duas remessas de coisas, da assinante 54917, de Aveiro. Outra dita, da assinante 28708, de Coimbra.

Mais duzentos euros, da assinante 7779, do Porto, «para as casas do Património dos Pobres ou para a farmácia, como melhor entenderem».

Mais uma presença de Coimbra, assinante 32811: «Quero dizer que estou sempre convosco nos últimos tempos... Todos os dias rezo a Pai Américo para que vos dê coragem e saúde e não se deixem nunca vencer».

Do Porto, assinante 11856: «Tenho estado um pouco ausente, mas perto da minha casa descobri pessoas carenciadas, que necessitam da minha ajuda. Estive várias vezes nas vossas Casas de Miranda do Corvo e de Paço de Sousa. A campanha que por aí andou... é uma perseguição contra Cristo e a Igreja. Mando 50 euros para os Pobres da vossa Conferência».

A nossa gratidão, em nome dos Pobres.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

garem a Casa. Estamos a atravessar uma perseguição sem precedentes, mas não nos intimidamos, mostrando ao mundo a nossa entrega por aqueles mais desprotegidos. Perdeu-se o respeito pelos valores mais fundamentais, como «a vida». É preciso estarmos atentos aos sinais de Deus. Não nos deixemos adormecer pelas facilidades que se nos deparam no seu dia-a-dia com ofertas de prazeres sem ter em conta o respeito por nós mesmos; andemos, sim, com a candeia acesa, para que a luz nos ilumine o caminho mais perto da felicidade eterna. Que a nossa passagem não seja um mero acaso, mas um exemplo de vida e entrega como outrora outros fizeram. Depois da tempestade vem a bonança. Vamos acreditar nos valores dos homens e de que não é em vão a nossa entrega ao serviço dos mais carenciados. Quem dera que os nossos governantes fossem capazes de resolver situações como as que se nos deparam todos os dias.

Acreditar na Vida é um dom de Fé e um dever de Cristão.

Júlio Silva

Associação de Antigos Gaiatos de África

Nos próximos dias 9 e 10 de Setembro terá lugar o nosso encontro anual, na casa de praia do Portinho da Arrábida (propriedade da Casa do Gaiato), que nos foi gentilmente cedida para o efeito, pelo Padre Júlio.

Como habitualmente, no sábado, ao fim da tarde, haverá Missa celebrada possivelmente pelo Padre Júlio, se na altura estiver cá algum dos nossos sacerdotes de África, naturalmente

não deixará de estar presente. Oxalá seja possível.

O nosso programa constará essencialmente da recepção, durante toda a manhã, a todos os que puderem e queiram marcar presença; almoço de boas vindas; celebração da Eucaristia, ao final da tarde (hora marcada oportunamente); no Domingo, às 11h00, haverá a habitual reunião. Outras possíveis actividades serão marcadas na altura.

O Manuel Fernandes irá falar com Padre Júlio no sentido de nos disponibilizar as instalações na sexta-feira (dia 8), no final da tarde, para possibilitar alojamento a alguém que venha de longe e queira lá pernoitar. Eu, o Manuel Fernandes e, possivelmente, o Ezequiel Póvoa vamos lá estar.

Como de costume, o almoço de boas vindas (sábado) é da responsabilidade de cada um, por isso faz o teu farnel (conta sempre com mais um) e aparece. Se cada um levasse um bolinho seria bom!

Todos os anos estes nossos encontros são importantes porque permitem juntarmo-nos para convivermos e recordar os anos passados nas nossas Casas de África. Mas por tudo o que se tem passado, os ferozes ataques que têm sido feitos à Obra da Rua (começou por Paço de Sousa, depois o Tojal e, agora, Setúbal), tornou-se ainda mais importante a presença do maior número de antigos gaiatos neste encontro para assim manifestarmos a nossa solidariedade aos Padres das nossas Casas, e em especial ao Padre Júlio.

Gostaríamos naturalmente (não falei com os meus colegas da Direcção, mas creio que eles aprovam), de contar com a presença de representantes das várias Associações de Antigos Gaiatos.

Contamos convosco nesta fase complicada da nossa Obra para fazermos o maior encontro de sempre. Se Deus deixar! Lá estarei com os meus familiares, aparece tu também com os teus.

José Luís Pinheiro

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

Realizámos, em 25 de Julho, mais um convívio anual na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, conforme havíamos dado conhecimento antecipadamente.

Tudo decorreu dentro da normalidade, tendo-se realizado também uma Assembleia Geral para apreciação de alguns dados, sendo o mais importante os diversos casos apontados pela Comunicação Social em relação à Obra da Rua.

Todos expressaram a sua indignação, não só os presentes, mas alguns ausentes que se justificaram por escrito, tendo-se visto as lágrimas de emoção a correr cara a baixo, ao contarem e recordarem o seu passado, dizendo-se, entre outras coisas, que as Casas do Gaiato não são nenhum colégio, como lhe têm chamado, nem os seus residentes são alunos.

Ficou decidido que se estudaria a melhor forma de apresentar uma Moção de Protesto e desagravo, apoiando-se, ao mesmo tempo, todo o trabalho que tem sido desenvolvido, ao longo destes quase 70 anos, não só

pelos Padres, que têm passado pela Obra, mas também pelas Senhoras, que desinteressadamente vão dando o seu melhor em favor desta causa, não só em Portugal, mas também em Angola e Moçambique, não esquecendo também a incomparável Obra do Calvário, para doentes sem eira nem beira, ou que o Estado não quer nos seus estabelecimentos, fazendo ainda parte de tudo isto o Património dos Pobres, com diversas casas e bairros espalhados pelo País, onde os seus ocupantes nada pagam, pois as mesmas eram-lhes oferecidas e pagas pelos inúmeros Amigos que a Obra do Padre Américo possui.

Quanto ao Encontro, contámos este ano com um cozinheiro profissional que, juntamente com sua esposa e filha, se deslocaram à nossa Casa, tendo confeccionado o almoço, sem quaisquer encargos monetários, tendo nós apenas oferecido uma pequena lembrança de casamento para a mais nova das três. Obrigado ao senhor Júlio.

Realizou-se o habitual jogo de futebol para passar o tempo e só isso, ganho pelos antigos gaiatos, seguiu-se a merenda e a retirada um pouco rápida para que alguns pudessem assistir a um dos jogos de Portugal.

O nosso habitual agradecimento a todos e todas que colaboraram em todo o movimento, quer ajudando, quer trazendo as suas ofertas para as refeições ou para a Casa. A todos o nosso muito obrigado.

Esperamos para o próximo ano voltarmos a fazer o mesmo ou melhor, com o máximo de presenças. Até lá um abraço para todos e boas férias para os que as possam gozar e delas beneficiar.

Manuel dos Santos Machado

Setúbal

BATATA — Já começámos a apanhá-la. O tractor, com a máquina de arrancar, tira-as da terra. Os rapazes vão, em grupos de dois, apanhar e escolhe-la pelas várias qualidades: a boa, a miúda, a esfolada e a cortada. Depois carrega-se para o reboque e leva-se para a casa da batata. Depois de mais uma escolha, espalha-se nos estrados e, por fim, põe-se o pó para a proteger da borboleta.

PRAIA — O primeiro grupo, dos mais pequenos, já está na Arrábida, desde o princípio do mês. Estão acompanhados pela D. Isaura, ajudada pela D. Celeste e a D. Gilberta. O chefe é o «Zézinho», ajudado pelo «Ricardinho» e pelo Júlio Inocêncio. Logo no primeiro dia, dois dos nossos rapazes tiveram que dirigir-se ao hospital, porque a jogar a bola torceram os pulsos. Esperamos que até ao final do mês não haja mais problemas.

VISITA — Um grupo de dez rapazes foram fazer uma visita guiada à Secil. Viram uns slides sobre como se faz o cimento. De seguida foram ver as várias espécies de árvores que exis-

tem na Serra da Arrábida. Depois, às pedreiras, mas já não viram os rebentamentos da matéria-prima do cimento. Foram também ver a sala de comando, onde está um robot que transporta as análises. No fim ofereceram-lhes uma merenda e todos regressaram a casa contentes com a visita.

DESPORTO — No dia 1 tivemos a visita dos rapazes de Paço de Sousa que vieram jogar futebol. Eles marcaram primeiro por intermédio do «Russo» e depois o empate surgiu com um golo de cabeça do «Nirvana», através de um canto do «Ceguinho». Não houve mais golos, pelo que o jogo ficou empatado. No final, houve a habitual merenda em bom convívio, onde os árbitros estiveram presentes.

No dia 8 recebemos o G. D. de Ordins, Penafiel, em que a equipa visitante começou a ganhar, mas o «Testinhas», antes do intervalo, fez o golo do empate. A segunda parte do jogo mudou de aspecto com a entrada do «Barroso», que fez o passe para o «Chafinho» fazer o 2-1. Depois, marcámos mais três tentos pelo «Chafinho». «Barroso» e Gerson. No final tivemos a merenda e combinámos retribuir a visita.

FESTA DOS GAIATOS — No passado dia 2 tivemos os festejos dos 51 anos desta Casa e dos 25 anos da Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal — antigos gaiatos. O dia começou com a celebração da Missa, na nossa Capela. De seguida, foi o almoço com a presença de mais de 250 pessoas. À tarde, realizou-se a habitual partida de futebol entre os actuais e os antigos gaiatos que ganhámos por 2-1, com golos do «Bolinhas» e do Luís Paulo. Seguiu-se a merenda e a entrega da salva de prata comemorativa das bodas de prata da Associação, à nossa Casa. Se Deus quiser, para o ano há mais.

António Loureiro e Ângelo Pires

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

Caros leitores, é para mim uma felicidade escrever para este Jornal, embora o faça com pouca frequência. Desta vez, venho falar, essencialmente, sobre o encontro anual dos antigos gaiatos de Setúbal, mas também lembrar alguns outros acontecimentos mais recentes.

ENCONTRO — No dia 2 de Julho comemorámos mais um ano de existência desta Casa do Gaiato de Setúbal e para isso organizámos, como todos os anos, um grande encontro-convívio dos antigos com os actuais gaiatos a título de festa. Tivemos, também, conosco os gaiatos de Paço de Sousa, que nos agradeceram com a sua presença. Este dia serviu, também, para lembrar os 25 anos da nossa Associação e o cinquentenário da morte de Pai Américo, fundador das Casas do Gaiato — Obra da Rua.

Começámos assim, este dia: às 08h30, no centro da cidade de Setúbal, pela mão dum membro desta Associação, foi colocado um arranjo de flores no busto de Pai Américo, gesto simbólico em nome de todos os que por esta Casa passaram.

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Junho,
54.000 exemplares

RECORDO a primeira vinda para África. Era necessário vir e ver, apesar de contarmos, ao tempo, com muitos amigos, aqui. Alguém que o Senhor já chamou, um Comandante da Marinha, que sentava à sua mesa os Rapazes da então Casa do Gaiato do Tojal e tinha sido da Base de S. Jacinto e aí já grande amigo de Pai Américo, levou-me ao Comandante Chefe da Aeronáutica a pedir passagem para dois, que seriam Padre Car-

Moçambique

A primeira vinda para África

los e Júlio Mendes. Foi-nos respondido galhardamente que não podia perder a guerra por dar boleia a dois civis. E em termos militares proclamou em alto som a tabela das prioridades que lhe

tinha sido imposta. Ao descermos a escada, aquele Amigo perguntou que me parecia do valente despacho. Respondi que tinha as suas razões. E vai ele e diz-me: «Não percebe nada disto. Vamos ao sargento a ver se ele resolve».

Não demorou dias, umas saudosas vicentinas, visitantes como eu dos Pobres da Curraleira, telefonaram para que fosse, era terça-feira de Carnaval, às três horas da tarde, à Direcção Geral do Ultramar. Estava à minha espera o Dr. Adriano Moreira, Director Geral. Já lá vão quarenta e seis anos. Vi-o há dias pela Televisão e fiquei feliz. Disse-lhe da necessidade que a Obra da Rua tinha de duas passagens de avião para quem ia abrir caminho para as

Casas de África. «Eu vou dar-lhas. Vão, que vocês são os únicos que ainda podem fazer, lá, alguma coisa válida». Mesmo que o sentido das palavras me chocasse e o seu alcance não estivesse na minha perspectiva, a da Obra em si e, portanto, o salvar Rapazes abandonados do banco dos réus, não deixei de fazer uma conotação ao clima político de então e perceber que Moçambique estava no seu horizonte como uma causa perdida.

Na verdade, foi a hora certa. A hora de Deus. Mesmo que nos poucos anos que, em Moçambique, se pôde trabalhar, não chegassemos a muito, ficou a ponte para a segunda vinda. Esta já numa hora de agudização do pro-

blema das crianças da rua, motivada por um problema de perspectiva política. A cidade estava degradada, não só a pedir em todo o lugar que era passagem de carro, e até mesmo a roubar, disfarçadamente.

Era um problema que transcendia a capacidade do Governo e, por isso, temos feito o que é possível fazer para tentar atingir o mal nas raízes que são a degradação económica, moral e familiar. Não estamos na cidade e até pela nossa maneira de ver, a cidade é a grande meretriz de cujo ventre saem estes filhos e onde são gerados todos os males que atormentam o cidadão laborioso e ordeiro. Também não somos a solução, mas que podemos fazer e fazemos, com a ajuda dos grandes Amigos de Portugal e Espanha, alguma coisa válida, nem perdemos tempo a dizê-lo, se não nos chega para o fazer.

Padre José Maria

Cantinho dos Magistrados

NO pensamento de Pai Américo a prevenção é uma atitude de alma que fundamenta todo o seu agir. Remediar, sim, o ferido que se encontra à beira do caminho; mas crescendo, pela experiência de cada cura, na sabedoria que se antecipa às causas que multiplicam os feridos e as espécies de feridas sociais. Nele, no seu ritmo próprio, encontramos sempre em contraponto Caridade e Justiça, certo de que nenhuma dispensa a outra, antes se exigem ambas em complementariedade para uma sociedade saudável.

Foram preciosos a esta aprendizagem os anos «caóticos» nas ruas de Coimbra, sobretudo a que adquiriu na convivência que a condição de visitador e Capelão de Cadeias lhe proporcionou. Daí «a paixão que, ao tempo, lhe nasceu dentro da alma» e o levou a dedicar a sua primeira acção organizada aos gaiatos da rua, vidas *sem rei nem roque* que os arriscava ao crime e os constituía potenciais habitantes de Cadeias.

Eis o grito de alma de Pai Américo que, infelizmente, passados mais de setenta anos, não perdeu a sua razão de ser:

«Vi ontem nas mãos do arquitecto o plano geral da 'Aldeia dos Rapazes' e tive medo! Não de cair, que quem anda baixinho não se desequilibra, mas sim da cruz. E quando daqui por algum tempo tu vires com os teus olhos a majestade da obra em maquette que vai ser exposta, há-de admirar quão audaciosos não são os apaixonados daquela mesma cruz que temem!»

«Esta paixão nasceu-me dentro da alma no tempo em que me ocupava a ver presos na cadeia; e aprendi de cor que aquele homem repelente, dado como incorrigível pelos oficiais da justiça e entregue aos ferros por tempo sem fim — esse homem foi uma adorável criança nascida num berço triste. Aborrecida da Mãe que viu nele uma desgraça; aborrecida do Mundo que a toma por um ser perigoso — como e a quem podia aquela criança amar?! E aqui mesmo, nesta ausência do amor, começou a série dos crimes (?) praticados pelo nosso condenado!»

Padre Carlos

Entretanto, em nossa Casa, ainda não eram 09h00 e já alguns *antigos* por cá passeavam, tentando lembrar os tempos em que cá viveram; outros encontravam *irmãos* que há muito não viam. Era uma alegria.

Às 10h00 tivemos a Santa Missa. A Capela estava à cunha. Os *velhos* tentando mostrar aos *novos* o bom exemplo de outros tempos. Uma das leituras ficou ao nosso cargo. Finda a Oração reunimo-nos, por breves instantes, para falarmos sobre alguns dos acontecimentos que têm vindo a público pela imprensa e que muito nos afligem e preocupam. Acabada esta curta e proveitosa reunião, fomos tomar uma boa banhoça na piscina que, com a sua água límpida e fresca, juntamente com o calor que se fazia sentir, convidava a lá entrar.

É chegada a hora do almoço. Já muitos se queixavam da *barriga a dar horas* e eis que toca a sineta. Todos correram para os seus lugares, à mesa. Lá dentro, no refeitório, já não havia espaço; cá fora, à mesa corrida com cerca de 150 lugares, montada no corredor para o efeito, também encheu. Este almoço levou dois dias a ser feito. O nosso Padre Júlio mandou matar um vitelo. O Hélder começou logo no sábado a preparar a carne (desde o desmanche ao corte, até ao tempero, teve a mão dele); no Domingo, meteu o forno da padaria a

aquecer e a carne a assar. O «Bincai», juntamente com a D. Conceição, trataram do arroz de passas, outros trataram da salada e da fruta. Esta refeição estava divina. Estão de parabéns os cozinheiros, ouvia-se dizer. Depois de se comer, o bar esteve aberto a quem quis tomar o cafezinho.

Eram 17h00 estava já a malta equipada para o jogo de futebol. Depois de tanto suarem lá se foram outra vez refrescar à piscina, enquanto se preparava uma suculenta merenda com sardinha assada, couratos e entremeadas.

Eis chegada a hora da partida. Não se trata de um adeus mas de um até para o ano se Deus quiser.

Um bem-haja a todos. Nós porém, membros da Direcção da Associação, ficámos mais um pouco para o Terço. Findo este, abrimos um bolo de 20 quilos, que havíamos encomendado previamente e repartimos por eles. Era vê-los deliciarem-se. Entregámos, também, à Casa do Gaiato, uma placa, em prata, comemorativa, assinalando as nossas bodas de prata.

ACONTECIMENTO — Na penúltima semana de Junho, faleceu o senhor Hernâni, antigo mestre da seralharia da Casa do Gaiato de Setúbal, à qual dedicou alguns anos da sua vida. Os nossos pêsames e que descanse em paz.

Américo Pinto

Continuação da página 1

ficação daqueles que nasceram deitados ao abandono, daqueles que ninguém quer. A eles a sociedade não foi capaz de dar o que se impunha por justiça; o nosso serviço vem colmatar esta lacuna na vida dos rapazes sem família, em complemento aos serviços organizados pelo próprio Estado.

Vivemos em família, somos a maior família da Diocese nas palavras do nosso Bispo, aqui presente. Não substituímos as Instituições públicas e privadas existentes para servir e congregar os cidadãos: As escolas, as associações, os clubes, todos os organismos sociais formativos, educativos e recreativos, os quais são também complemento à nossa acção no acompanhamento do crescimento dos nossos rapazes.

À generosidade que nos move, junta-se o saber que nós próprios adquirimos na nossa formação e o de muitos amigos e pessoas de boa vontade que conosco colaboram. Entre elas, para além das que nos ajudam nas tarefas mais simples, contam-se médicos de várias especialidades, advogados, psicólogos, professores, engenheiros, técnicos de diversas espe-

cialidades, pessoas que se disponibilizam a todo o momento para atender os nossos rapazes que nos dão o privilégio da sua consideração, amizade e conhecimentos.

Contámos também com os Serviços Públicos, como qualquer cidadão, aos quais recorremos quando necessário.

A melhoria da qualidade dos meios de que dispomos para as actividades de cada dia, é uma constante que nos leva a estarmos sempre abertos a novas iniciativas, trabalhando e colaborando todos na realização das mesmas.

As obras em nossa Casa nunca param, quer na conservação do que existe e na sua melhoria, quer na construção de novos espaços. Tudo isto só é possível com a colaboração de tantos amigos que nos sustentam e do nosso próprio labor.

Em todo este trabalho, vamos passar a contar a partir de agora com um grupo de pessoas que se disponibilizam para nos acompanhar na nossa acção, realizando para o efeito reuniões trimestrais, a quem agradeço desde já a amizade e colaboração que desta forma manifestam.

Padre Júlio

Malanje

Cegueira técnica

ALGUÉM com responsabilidades na Igreja Católica disse, num jornal, que já não há Pobres e que a nossa Obra se devia adaptar aos marginais. Ora, meu Senhor, há Pobres, até alguns envergonhados que passam privações. O espectáculo das casas bonitas e auto-estradas pejadas de automóveis não mostram a realidade; a fúria das nossas televisões também não.

Não fiquemos cegos. Corremos o risco.

É verdade que alguns, já quase marginais, vêm parar a nossas Casas — atirados pelos tribunais. Esfalfamo-nos para lhes abrir um caminho... E, muitas vezes, quando já, o Tribunal vem e entrega-os a uma tia tonta ou a um pai alcoólico.

Santa Engrácia nos valha!

Aconteceu-me, por doença do senhor Padre Baptista, ter que passar dois anos na nossa Aldeia do Calvário. Aprendi, logo de manhãzinha, a lavar os diminuídos profundos, a mudar-lhes a roupa, fazer-lhes a cama e dar-lhes de comer.

Trabalhou comigo um voluntário angolano, os doentes capazes ajudavam. No pavilhão das senhoras a Adelaide e a Teresa desunhavam-se. Somente depois do almoço convivíamos para um cafézinho no aconchego do pequeno e carinhoso bar.

Só quatro para sessenta doentes! Um dia fomos ao Porto, na mira de aprendermos, a uma instituição dos serviços sociais que recebia deficientes das famílias, durante as

férias. Não vimos mais limpeza e melhor trato que na nossa Aldeia. Ficámos, sim, abismados com o número de funcionários para tão poucos doentes.

Nas nossas Casas não cabem ordenados chorudos nem multidões de funcionários. Cabe a dedicação contínua que nasce do amor.

Sentei-me num muro de latada da nossa Casa de Paço de Sousa. A tarde é de prata com promessa de manar ouro fino do poente rubro. Lindo! Um melro saiu da ameixoira fechada e, mesmo por cima, poisou no fio da luz. Espadana-se e canta! Como que a rir-se das bombas incendiárias que caem nas latadas e nos carvalhos frondosos. São lançadas pelos *media* — ferozes e contínuas... Efeito contrário: Estão incendiando, por nós, os corações do povo que nos ama e intelectuais que nos conhecem.

O melro viu-me e fugiu soltando a sua «risada de cristal».

Padre Telmo

Vocação do Padre Américo

— Caminho da Luz

Continuação do número anterior

A década que medeia entre Dezembro de 1913, em que morreu a sua Mãe, e Outubro de 1923 representa um transcurso de tempo de crise religiosa. O choque da «sinistra notícia», como escreveu, acentuou o seu carácter meditativo. O ambiente de prosperidade não o satisfazia e uma inquietação apoderou-se dele, confusamente. Atravessou um período crítico, a nível espiritual, surgindo-lhe certas dúvidas de fé. Em 1914, Américo de Aguiar tinha 26 anos de idade.

No seu itinerário vocacional, acabou por beneficiar da presença dos Padres católicos que missionavam naquelas terras. Em 1914 conheceu o franciscano Padre Rafael Maria da Assunção, que era Pároco da Beira. Foi um encontro ocasional que recomeçou a rasgar o horizonte vocacional de Américo de Aguiar.

Américo de Aguiar parecia um homem «fugido de si mesmo», segundo o Padre Avelino Soares, e sujeito de uma «vida atribulada», como escreveu. Em 1921, a insatisfação profissional levou-o a Lourenço Marques, onde trabalhou na casa alemã *Breyner & Wirth*. Nesse ano morreu seu Pai. Passou a transparecer mais uma nostalgia da família e da terra; e agudizou-se uma crise de índole espiritual.

Motivado pelos colóquios precedentes com o Padre Rafael, os contactos com este Prelado tornaram-se mais intensos a partir de 1922. Ao acompanhá-lo no seu discernimento, em Lourenço Marques, activou uma inquietação pré-existente e abriu-o ao Senhor — o «Caminho da Luz», como o próprio deixou escrito.

Acabou por regressar ao Continente com a cabeça cheia de irresoluções e projectos. Parecia que a luta entre o homem e a Graça, iniciada na capital de Moçambique, tinha esmorecido.

Contudo, em Julho de 1923, deu-se uma «martelada» (divina), segundo a sua própria expressão. Américo de Aguiar tinha, na altura, 35 anos. Perante propostas de trabalho sedutoras, hesitava no seu regresso a África e chegou a comprar passagem para Lourenço Marques, na Capital. Em Lisboa, «impressionou-se» com uma revista onde apareciam «padres franciscanos».

Entretanto, procurou aconselhar-se junto do Padre Dr. Avelino Soares, seu antigo companheiro de escola e Pároco de Penafiel, expondo-lhe o propósito de «ser padre franciscano»; mas, esse amigo tentou dissuadi-lo. Disposto a voltar a Moçambique, fez as malas e seguiu para Lisboa. Porém, à última hora, Deus desferiu o golpe final no coração de Américo de Aguiar, através de outra «martelada»,

chamando-o pelo nome. Confessou que «não resistiu mais».

A devoção por S. Francisco de Assis, a convivência com os Franciscanos em Moçambique e o auxílio do seu conselheiro D. Rafael da Assunção conduziram-no a procurá-los na Galiza, onde decorria o noviciado.

À beira de perfazer 36 anos, depois de muito ponderado o assunto, surgiu então nele a resolução definitiva de ingressar no Convento franciscano de *Vilariño de la Ramallosa*, para onde partiu a 21 de Outubro de 1923. Escreveu: «Tarde é melhor do que nunca». Enfim, pôde recuperar alguma paz no coração do formoso *Valle Miñor*, onde os Franciscanos portugueses tinham o seu noviciado. Considerava-se «doente da alma», pelo que procurou uma comunidade «sã» com a ambição de «fazer bem às almas doentes».

Em 14 de Agosto de 1924, chegou a tomar hábito de noviço franciscano.

Contudo, algumas «desobediências» às regras do noviciado, em virtude da sua dedicação aos frades idosos e doentes, levaram a que, em Julho de 1925, a votação do Capítulo fosse desfavorável, dado que «não assimilava a vida monástica por ser muito impressionista».

Depois, não foi sucedido junto do Prelado portugalense, devido à sua idade adiantada.

Recomendado por um amigo franciscano, Padre Frei Inocência do Nascimento, foi admitido pelo Bispo conimbricense, D. Manuel Luís Coelho da Silva, no Seminário desta Diocese, a 3 de Outubro de 1925. Américo de Aguiar ia fazer 38 anos quando entrou no Seminário de Coimbra.

Em 1925-26 frequentou as aulas de Filosofia; e, entre 1926-30, fez o curso quadrienal de Teologia.

Distinguiu-se nele a sua caridade e o amor à Eucaristia e à oração, porque descobriu «o segredo da vida dos místicos: a humildade».

A 7 de Abril de 1929 foi ordenado Diácono pelo Bispo Coadjutor de Coimbra, D. António Antunes.

No dia 28 de Julho desse ano, com 41 anos, recebeu a Ordem de Presbítero das mãos do mesmo Bispo que o acolhera no Seminário.

No dia seguinte ao da ordenação, celebrou Missa de início de ministério numa capela do Seminário de Coimbra; e, ao almoço, reconheceu que já não tinha tempo de perder mais tempo. A 5 de Agosto cantou Missa Nova na igreja paroquial de Paço de Sousa, onde seus Pais tinham contraído Matrimónio, há 56 anos.

Sintomaticamente, após um ponto de exclamação aos nomes de Baptismo e de ministério — *Padre Américo!*

Padre Manuel Mendes

Benguela

É preciso que o Bem seja conhecido

QUANDO estas notas poisarem debaixo dos vossos olhos, o dia da Festa de Pai Américo e da Obra da Rua já aconteceu. Em hora de grande aflição, tenho muito viva a palavra dele: — «A Obra não é minha. É de Deus. Quando eu morrer, é quando Ela começa».

É uma linguagem carregada de mistério. Exprime uma verdade tão grande que não cabe nas nossas gavetas. É pela Fé que chegamos lá. É pela experiência que a entendemos. Sim, é pela minha vida; é pela vida dos Pobres da Rua, mergulhados na mesma torrente que impelia Pai Américo, que entendemos o que ele queria dizer.

Quanta segurança e quanta paz então guardadas naquelas palavras! Se a Obra é de Deus porque ter medo? Ele é fiel. Foi em Jesus Cristo que a fidelidade de Deus se

revelou de forma escandalosa. E é no Filho que Deus manifesta a Sua fidelidade. Em Pai Américo, na sua vida, está o Filho. Não tenho dúvidas, como Paulo, também. Pai Américo pôde dizer: — «Não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim».

Não me quero perder a voar. Quero, sim, sair da superfície, por vezes muito agitada, da vida da Obra da Rua e descer à profundidade; ao seu fundamento, à busca da paz e da segurança. Mais nada!

À hora em que escrevo, chegam notícias da operação cirúrgica do pequenino de que vos falei, há quinze dias. Alegrai-vos comigo, correu muito bem. Era uma operação delicada à coluna vertebral. Está, nesta hora, em boa recuperação.

O casal que o assumiu como filho, a juntar aos cinco filhos do seu próprio sangue, sentiu de

forma admirável a responsabilidade da operação. Ele é médico. Procurou-me na véspera. Era preciso assinar um termo de responsabilidade. Confidenciou-me que estava a sofrer mais do que se fosse um filho do seu próprio sangue. Quis que eu assinasse juntamente com ele, para sentir mais força. Que admirável Amor!

Como me sabe bem celebrar a Festa de Pai Américo, embalado por este mimo de Deus, que sofreu a sua vida pela força do Seu Espírito!

Sempre que me é possível, passo os olhos pelo Jornal diário que me chega às mãos. Fico impressionado com a abundância de acontecimentos tristes que se dão. Fazem falta notícias que ponham à mostra a bondade que enche o coração de tantas pessoas! São precisos toques de esperança, bem conhecidos, presentes na multidão de vidas que se gastam por amor sacrificado até ao fim. Lembro o grupo de voluntários jovens, por exemplo, que se dispuseram a tudo fazer para que a doença da cólera não roubasse mais vidas, nos bairros de Benguela. É preciso que o bem seja conhecido, para que a esperança seja a força que levanta e empurre os corações.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Esteve aqui no Domingo passado uma família, ao cair da noite. Entraram na Capela e viram o espectáculo maravilhoso que ali se desenrolava: os «Batatas» a rezar o Terço. Eles nunca o fazem na Capela, senão aos Domingos. Os mais dias é na sala de estudo e a horas descontraídas das nossas.

PAI AMÉRICO

A Família

O Papa está em Espanha. A Família é o assunto que o traz: Esta entidade fundamental que as sociedades civis têm deturpado e perturbado, pela inércia ou por acções, ora agressoras da sua essência, ora apresentadas como defesa e promoção do seu bem estar. Neste caso, ao sabor dos tempos, é o económico que determina os critérios.

Por ora, entre nós, será a inércia (e a falta de previsão subjacente) o principal factor. As estruturas oficiais, em vez de considerarem a Família na sua globalidade, preferem desmembrá-la e têm órgãos virados para a juventude, para o desporto, para a escola, para a cultura... que desencadeiam iniciativas de costas voltadas para a Família no seu todo. De resto, pressente-se uma intenção totalitária de tomada de posse das gerações mais novas, mascarada de providencialismo, em lugar de se prevenir os problemas a montante e remeter as providências às famílias, enquanto é tempo de elas os resolverem por si ou mediante ajudas adequadas.

Há muitos anos chamámos a atenção para a necessidade de um Ministério da Família que seria transversal, como agora se diz, a todos os outros, de modo que qualquer medida de qualquer deles seria detectada e reflectida quanto aos seus efeitos sobre a instituição familiar.

Nós somos, já hoje, um País envelhecido e a tendência aponta para o agravamento da situação. Como será dentro de poucas dezenas de anos se a natalidade se mantiver na taxa actual? E como voltaremos ao rejuvenescimento que leve a números equilibrados entre as gerações, sem uma política que tenha os olhos postos na Família e a coloque na meta do real progresso social, medido não apenas em unidades económicas, mas preferencialmente em valores afectivos, culturais — que o homem é espírito e não vive feliz só da abundância material, por muito que queiram iludi-lo nesse sentido. E há toda uma engrenagem montada para este efeito de ilusão, permitida, se não mesmo fomentada por forças que se escondem, mas deixam o rabinho de fora como os gatos.

Todo o homem que preza a sua dignidade, assume a vida como o seu primeiro ofício, ofício de viver até ao fim, que se aprende desde o berço na Escola dos valores familiares.

Pai Américo entendeu tão bem este princípio universal que fez dele o ponto de partida e tomou dele o dinamismo perene na acção. «*Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão*».

Padre Carlos

Cinquentenário da morte de Pai Américo

Continuação da página 1

O Calvário, aqui em Beire, Paredes — Casa de família para pessoas doentes sem ela; obra de doentes, para doentes, pelos doentes, onde todos partilham da vida familiar e a gozam, aurindo dela a felicidade natural. Não. Nunca um depósito de pessoas como nos Lares tradicionais e modernos.

Pai Américo, um homem de Deus, a pedir meças a qualquer santo!...

Um homem com rasto atractivo, sobretudo para os seus conterrâneos e mais vizinhos, os Penafielenses e os Paredenses. Foram tão poucos, quase nenhum a seguir o rasto deste conterrâneo nestes cinquenta anos!...

Os inimigos atacam-nos por nos sentirem poucos e fisicamente esgotados.

Que este cinquentenário chame ao mesmo ideal homens e mulheres do Vale do Sousa e de todo o mundo com o mesmo ardor e audácia a viver a fé cristã nesta linha do Padre Américo.

Sem nome, sem dinheiro, sem despesa, mas com Cristo no coração, rompendo montanhas!

Padre Acílio